

O OLHAR INSUFICIENTE DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Raul José Matos de Arruda Filho

RESUMO: *O conto “O crime do professor de matemática”, de Clarice Lispector, aborda as relações afetivas, as escolhas efetuadas diariamente e a culpa que resulta dessas escolhas. Em um contexto onde a acumulação tornou-se um parâmetro comportamental, o olhar com que o professor de matemática visualiza o mundo se mostra insuficiente.*

PALAVRAS-CHAVES: *Amizade. Imagem. Modernidade.*

ABSTRACT: *The Clarice Lispector’s short-story “O crime do professor de matemática” is about the affectives relations, the choises effectuate daily and the guilt that results of these choices. In a context where the accumulation had become behavior parameters, the view with that the mathematics teacher visualize the world shows itself insufficient.*

KEYWORDS: *Friendship. Image. Modernity.*

¹ Sergio Paulo Rouanet, calcado na experiência intelectual da Ilustração e fazendo um contraponto com as ilusões estéticas da modernidade, propõe uma revisão conceitual baseada em uma “ética da visão e do olhar”, consoante com “a totalidade do real”: “é preciso ver tudo: é o reino da visibilidade universal. Aplicada às coisas, essa máxima significa que a totalidade do real se torna disponível para a visão ilustrada. A natureza é um livro a ser lido, sem censura e sem nenhuma necessidade de um nihil obstat por parte da autoridade, secular ou religiosa. O mundo é uma superfície plana que se oferece inteira ao olhar, em suas articulações empíricas e em suas leis inteligíveis”. [ROUANET, Sérgio Paulo. O olhar iluminista. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 128.]

² “Todo discurso é cúmplice do encantamento”, afirma Jean Baudrillard, realçando que “a sedução é aquilo que desloca o sentido do discurso e o desvia de sua verdade”. Em outras palavras, os mecanismos de sedução que estão inseridos no discurso atuam como elementos da estética da dispersão, esvaziando e apagando o conteúdo original. Esse processo, que está amparado em interesses pouco claros, visa construir um discurso volátil, “para melhor fascinar os outros”. [BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papi-rus, 1991, p. 61-62.]

A construção de um olhar demanda vários níveis de percepção. De um lado, há o observador; de outro, o que é observado. Em alguns momentos, próximos ou ao longe, aquele que relata a observação: o narrador. São os personagens (envolvidos – passiva ou ativamente – na narrativa), e os seus deslocamentos espaço-temporais, que delimitam a extensão do campo de visão e o que nele está inserido. Simultaneamente, é o olhar que localiza e reconhece esses elementos e as suas conexões.

Olhar é pensar, pesar a vastidão do campo que se abre diante da visão, mundo físico que se solidifica na liquidez da retina, percurso entre a (in)diferença e a ação. A “verdade”, essa ilusão do método, está impregnada de vários discursos, ideologias e conexões semânticas: na modernidade, instante em que o fragmento predomina, o olhar perde o foco e desloca-se para o periférico – juntamente com a noção de totalidade.¹

Uma imagem é projetada, mas o que o olhar apreende é diverso – muitas vezes transformado em afastamento axiológico (compreender o que está acontecendo depende do diminuir de velocidade daquilo que a cada instante se desloca) e que subtrai do observador – de certa forma, do objeto observado – o desejo e o gozo que originaram a visão e o olhar. Essa fratura fornece um cenário que nega a lição de Epicuro: “os sentidos são os mensageiros do conhecimento” (*Apud* NOVAES, 1988, p. 15).

O olhar está escrito/inscrito em um contexto que se ramifica (e se complementa) através das ausências e dos vazios, como se fosse um quebra-cabeças insolúvel: momento em que a estética da dispersão projeta-se entre os destroços resultantes do embate entre o fato e a miragem.²

A cartografia do olhar implica em ir além da demarcação de fronteiras ou de certezas. Fornecer visibilidade ao aparente invisível, acolhendo as so(m)bras, as ausências e os prolongamentos secretos da matéria constitui um dos procedimentos do prover dimensão e espacialidade (além de outros elementos: cor, forma, altura, largura, textura...) em objetos e imagens que, em um anterior tempo impreciso, aparentavam ser constituídos por traços aleatórios e inexatos. Ao visível se opõe o que está oculto pelo outro lado do corpo: é o olhar que identifica e reconhece essa “zona indeterminada”.

Nesse percurso, há um momento que assombra: inúmeras vezes o olhar não alcança resgatar a totalidade do que está ocorrendo diante dos olhos: a soma desse instante mostra-se diferente da soma proposta pela imagem contida/construída pelo olhar.

Ocorre um desencontro: o olhar não vê – impedido/impelido por outras imagens ou pela redução da compreensão. Mais do que gravitar em torno da falta (de sentido, de percepção, de razão para a sua existência),

a perplexidade do observador (indivíduo emanado do mundo das imagens) se estabelece através dos abismos da linguagem – da cisão entre o que está ao alcance do olhar e o que se perdeu, da distância inacessível entre o que está próximo e o que está além. A dicotomia entre o visível (macro) e o invisível (micro) afasta o entendimento e revela um mundo fracionado. É o império da disjunção: olhar é recortar, dividir espaços, delimitar a territorialidade, estabelecer prioridades – ao mesmo tempo em que convida o olhar do leitor para uma viagem lúdica e lúcida pelas vertigens e voragens do desencontro entre a imagem e o deslumbramento. Tal percurso implica em um complexo operar entre o prazer e a dor.³

Em “O Crime do Professor de Matemática” (LISPECTOR, 1993, p. 147-155), o olhar, mesmo nos raros momentos em que consegue abranger e acolher significativo número de elementos do discurso que o envolve, se mostra insuficiente. Ou seja, é incapaz de absorver os conteúdos (e, por extensão, as implicações ideológicas).

A aterradora falta de visão com que o Professor de Matemática esconde e, simultaneamente, nega a sua culpa está contornada por uma densidade abjeta, construída para que esse impasse seja visualizado como um objeto à deriva na modernidade capitalista.

Síntese narrativa

Um homem, o Professor de Matemática, sobe a colina. No seu rosto, um par de óculos. Nos seus ombros, um saco pesado. No saco, um corpo. O corpo de um cão. Um cão que o Professor de Matemática encontrou morto, em uma esquina. O animal vai ser enterrado. O Professor de Matemática, enquanto cava a sepultura, lembra de uma outra história. Lembra de um outro cão, o cão José, que ele abandonou, em um tempo não muito distante, em uma outra cidade.

O aluno

O Professor de Matemática é um adepto da racionalidade como estrutura de vida – a análise fria dos números e a certeza algébrica constituem as características mais importantes de sua personalidade. As suas decisões sociais, assim como em uma equação matemática, sempre estiveram dimensionadas no imperativo categórico da lógica cartesiana

³ Todas as atividades humanas, no sentido freudiano, estão relacionadas com o desejo sexual. A interdição do gozo e a instauração das carências afetivas surgem como consequência imediata do interdito, produzido pela norma social. [Para uma melhor compreensão desse pensamento, ver, entre outros, ROSOLATO, Guy. *A força do desejo: o âmago em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.]

⁴ [Ver PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998. Especialmente as p. 7-112.]

(que impede os desvios emocionais e instaura a certeza, a correção e a eficiência).

Com o mesmo tipo de estrutura logocêntrica que adota na vida pública, o Professor de Matemática conduz a sua vida privada. É o encontro com o cadáver do cão desconhecido que coloca em xeque esse arcabouço consolidado pela negação das dúvidas. O cão morto produz um curto-circuito emocional.

Quando o Professor de Matemática, transgredindo com hábitos sociais cristalizados, decide promover um enterro “digno” ao cão desconhecido, caracteriza a expressão do seu luto – momento em que o sofrimento não pode mais ser contido pela psique e transborda simbolicamente para a realidade, através de lágrimas, mudanças de comportamento, sentimento de culpa, uso de roupas negras, etc...⁴

O Professor de Matemática não é mais um homem que está enterrando um cão, é um homem que gostaria de enterrar o passado (apesar de não enterrar as lembranças que antecedem ao ritual mortuário) e que, ao enterrar o cão desconhecido, assenta mais uma camada de tijolos na muralha de indiferenças que construiu ao redor de si mesmo (essa estrutura de contenção é uma rota de fuga para um local onírico onde a felicidade não precisa travar duelos com o sofrimento, o remorso e a incapacidade de pedir perdão).

Confirmando que as suas certezas são provisórias, o Professor de Matemática adquire ciência de um paradoxo: cada pá de terra que arremessa na cova (para encobrir e esconder o corpo do cão desconhecido), desenterra e revela um pouco do passado – agonia e culpa.

A ordem aritmética

O trabalho braçal (abrir a cova para enterrar o corpo do cão desconhecido) e as bifurcações do discurso e da culpa estabelecem os rudimentos de uma falsa premissa. Diante do horror causado pela noção de que cometeu uma falta grave, o Professor de Matemática não consegue equacionar, de maneira algébrica, os termos do seu discurso de defesa: mostra-se emocionalmente inseguro, ansioso por respostas, incapaz de encontrar no mundo objetivo um escudo contra o que o atormenta.

Por isso, em uma atitude que beira o desespero, o Professor de Matemática ambiciona descobrir a si mesmo. É uma tarefa de difícil execução e que exige um novo ritual: re(l)atar, junto com o cão que é enterrado e

desenterrado, as amarras com o passado, com as decisões que precisou tomar ao longo da vida, e, sobretudo, com os desacertos da existência. Desenterrar o cão, que ele acabou de enterrar, é o primeiro passo na direção desse reconstruir.

Condenado ao tempo imediato, que exige uma ligação afetiva com o contexto em que está inserido (entrecruzamento entre vida pessoal e história), o Professor de Matemática desperta da letargia e adquire consciência de que a ataraxia perdeu o seu poder de entorpecimento e de analgesia. Adquire, como compensação, o esclarecimento. E, de contrabando, a dor.

Kyno, philos

“O Crime do Professor de Matemática” se reporta às relações entre um homem e dois cães. Entre um homem e a sua própria imagem – projetada nos dois cães e dimensionada em abstrações e culpa.

De um lado, o cão primeiro, o cão José, somente adquire estatuto de existência no tempo pretérito, porque circunscrito aos ditames da memória, do reconstruir histórico; momento em que a escritura recupera fragmentos imersos no passado – o esquecimento está relacionado com a distância temporal: “o presente reconstrói de um modo novo o seu próprio passado” (KOTHE, 1976, p. 99). Essa consciência fundamenta o luto. A agonia do Professor de Matemática está expressa na ligação afetiva que, independente da distância física e temporal, mantém com o cão José e que está expressa na perda do amor.

Por outro lado, o cão desconhecido já não é mais um cão, no sentido estrito do termo – na condição de cadáver torna-se mais importante do que quando fora vivo. Sua morte, em lugar do petrificar da matéria e da memória, estabelece visibilidade para um simulacro (no sentido proposto por Baudrillard): o corpo do cão morto interrompe a transmutação da vida em morte (fenômeno físico-químico originário da decomposição orgânica do corpo) e institui a morte como uma conexão fraturada com a vida. O cão desconhecido só poderá ser considerado extinto no instante em que cessar a sua ligação com o Professor de Matemática. E isso não será possível enquanto o Professor de Matemática não conseguir suturar/saturar o interstício que existe entre a falta e o logos.

A ligação do cadáver do cão desconhecido com o mundo das representações cotidianas se concretiza através da uma nova convenção (esse hábito desonesto de relacionar a experiência adquirida no passado com

⁵ Jurandir Freire Costa está entre aqueles que, nas questões afetivas, defendem um comportamento unificado: “não existe ética sem afeto.” E complementa o raciocínio, afirmando: “a paixão não é inconciliável com o sentido de realidade; simplesmente acrescenta à realidade ‘valores e perspectivas pessoais.’” [COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*: estudos sobre o amor romântico. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 198.]

⁶ O simulacro, cópia da cópia (Baudrillard), elemento característico da era da reprodução técnica (Benjamin), transmuta e banaliza os sentimentos, os significados e a sintaxe dos objetos. O olhar de perplexidade do anjo da história, sendo carregado pela tempestade que é o progresso (BENJAMIN, 1985), nos mostra que é necessário, em algum instante, lutar contra a alienação produzida pelo fetiche da mercadoria.

os objetos que mudam de nome, de classificação, mas que conservam a substância original).

O cão desconhecido é uma representação do cão José. E o seu enterro, embora não seja o enterro do cão José, simula o momento em que ocorreu a “morte” simbólica do cão José. É a sobreposição dos dois corpos que potencializa essa imagem – uma forma de repetição incessante do pesadelo.

Enterrar o cão desconhecido é uma manifestação religiosa: prova material do arrependimento e uma espécie desajeitada e canhestra de relíquiário, que objetiva reconstruir simbolicamente a imagem primitiva do cão José.

As moedas de troca

Torna-se impossível reatar as conexões afetivas quando abandonamos quem confia em nós. Ao Professor de Matemática falta o entendimento do significado inserido na amizade (*amicitia*) que o cão José lhe devotou.⁵ Por isso, circunscrito ao sistema de escambo capitalista, quer fornecer para o cão morto o amor que não foi capaz de entregar ao cão que abandonou: “quis que ele [o cão morto], para maior perfeição do ato, recebesse precisamente o que o outro receberia” (LISPECTOR, 1993, p. 149).

Tamanho esforço é inútil, porque não está relacionado com o exercício da paixão afetiva, mas ao equívoco que envolve a troca do objeto amoroso pela sua representação.⁶

O coveiro e o cadáver

O cadáver do cão desconhecido é o elemento deflagrador das lembranças do Professor de Matemática – que ambiciona não mais visualizar no cão morto “a morte” do cão José.

Esse estratagema não funciona – ver a morte do cão José, através do cadáver do cão desconhecido, é um erro de análise. Mais do que um erro, é um pecado – e alguns pecados não merecem perdão.

O Professor de Matemática percebe que praticou um crime. Simultaneamente, descobre que não há um Deus capaz de perdoar esse tipo de

falta: “ainda não haviam inventado castigo para os grandes crimes disfarçados e para as profundas traições.” (LISPECTOR, 1993, p. 154)

Dupla falta: o abandono e o crime. Mas as palavras e os pensamentos não bastam para descrever o impacto provocado pelas lacunas, pelas pausas, pelo não-dito, pelas imprecisões da linguagem. As palavras e os pensamentos se perdem no espaço, nos interregnos do inominável – assim como o som do sino da igreja, o barulho da pá cavando o terreno ou o ruído do suor que escorre pelo corpo e amálgama a pele ao tecido das roupas.

As palavras, elementos de um discurso que trafega da corrosão à subversão, são inúteis – não conseguem esgotar/abranger a narrativa com os fragmentos que compõem os acontecimentos, a totalidade.

O discurso de desespero do Professor de Matemática se realiza como um deslizar metonímico, construído como ruptura e abismo, como articulação do sofrimento.

A revelação

Diante de tamanha azáfama, uma nova topografia se estabelece. O buraco (cova, sepulcro) vai se alastrando pelo chão, como um câncer. A terra amontoa-se ao lado. A pá abre o chão e ajuda a compor a cenografia do desespero: o homem, o cão morto, a culpa e o monte de terra. Cavar equivale a um ritual de passagem, instante em que se separam o antes e o depois em “camadas afetivas culturalmente soterradas da sensibilidade humana” (NUNES, 1989, p. 269). Enterrar é fabricar “uma aparência do terreno” (LISPECTOR, 1993, p. 150).

Walter Benjamin lembra a parábola do homem que, próximo da morte, revela aos seus herdeiros a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos, tomando as palavras pelo sentido mais imediato, reviram as terras e nada encontram. No outono, as vinhas produzem mais do qualquer outra da região. “Somente então compreenderam que o pai havia lhes transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (BENJAMIN, 1985, p. 114).

Para o Professor de Matemática é difícil identificar as sutilezas que envolvem e constituem o conceito benjaminiano de *Erlebnis*, a experiência vivida.⁷

Assim como um anti-herói trágico, o Professor de Matemática constrói uma existência que se alimenta de enganos. Enterrar o cão desconheci-

⁷ Para uma leitura da *erlebnis*, ver, entre outros, o prefácio escrito por Jeanne Marie Gagnebin para o primeiro volume das *Obras Escolhidas* de Walter Benjamin (In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I* – magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-19.)

do não descobre nenhum tesouro – é apenas cavar um equívoco, revolver a terra, corroborar com a inutilidade. O afeto pelo cão José e a sua representação foram substituídos pela fraude. O cão José, assim como o tesouro da experiência, não pode ser trocado pelo corpo de um outro cão. Por qualquer outro cão. Mesmo que esse cão tenha sido encontrado morto, em uma esquina.

A arqueologia do saber

Está configurada uma estratégia arqueológica: cães enterram e desenterram ossos. Analogamente, o Professor de Matemática enterra e desenterra o passado, através do cão desconhecido. Esse ritual zoofágico (tangencial à irracionalidade) mostra uma das maneiras com que o inconsciente se alimenta dos fósseis da memória e transforma o obscuro em iluminação: esse é o tesouro que está escondido nas entrelinhas do conto de Clarice Lispector e que o Professor de Matemática, se fosse menos racional, menos atento ao linear, poderia encontrar.

Mas, para que ocorra essa inversão, necessário se faz um processo de cura mental: perceber que o funeral do cão desconhecido, embora projete um desejo, não configura o gozo.

Para poder aceitar essa revelação com a serenidade das descobertas mais singelas, apenas o olhar (mesmo que auxiliado por uma prótese óptica, os óculos) é insuficiente. A solidão dos que atingem um estágio superior de entendimento equivale ao descer aos infernos e sofrer com uma forma particular de loucura: a verdade.

Desenterrar o cão desconhecido – que não mais está metamorfoseado de cão José – significa libertar as aflições e o Professor de Matemática não está preparado para dar esse passo na direção do abismo da lucidez.

A simbologia do capital

Há uma outra camada simbólica interposta/sobreposta pelo texto e a sua leitura: não há casualidade nas múltiplas referências à visão estreita, localizada, sem horizontes, deficitária do Professor de Matemática (LISPECTOR, 1993, p. 147-148).

Miopia é a palavra-chave. Chave do mistério. Mistério que não é mistério, apenas inexatidão, momento em que o olhar, esvaziado de sua

significação, não consegue capturar o que está expresso na amplitude contextual (quanto mais perto da verdade, maior a dificuldade para o entendimento).

“O Crime do Professor de Matemática” não tem um propósito explícito de determinar a extensão e a intenção do olhar insuficiente do Professor de Matemática.

Concretamente, ao Professor de Matemática, faltam elementos para que possa entender o espaço exterior, a amplitude, o longe; falta-lhe aptidão para ver, sentir e compreender além dos fatos mais simplórios; falta-lhe uma vigorosa reflexão sobre o mundo em ruínas, sobre a época catastrófica que ele habita.

Sem os óculos, a visão periférica do Professor de Matemática fica restrita às cercanias do desassossego – insuficiente para abrigar a extensão do sensível (local onde o agônico é paralelo com a gnose do viver). É por isso que o narrador insiste em destacar as múltiplas vezes em que, através de um movimento pendular, o Professor de Matemática tira e coloca os óculos e/ou guarda-os no bolso.

O Professor de Matemática é consumido pela sensação de que, sem os óculos, os seus olhos e o seu corpo adquirem jovialidade. Em oposição, com os óculos, há um avançar temporal devastador, o rosto adquire a maturação característica da meia-idade. O Professor de Matemática quer ser jovem, mas experiente; não quer ser experiente e velho.

Os óculos se revelam como um espelho do tempo, a idade da razão, a metáfora indesejada: é constrangedor. O Professor de Matemática não é mais o homem que, em um passado ileso, podia ver o perto e o longe sem uma moldura no rosto. Por isso, mas não apenas por isso, ele se sente incomodado por necessitar da prótese óptica; necessitar de um instrumento que o faça ver mais preciso – ou melhor, que o faça ver – e que, ao ver, permita o alcance de um novo estrato da compreensão.

Por alguma razão obscura (talvez nervosismo, talvez um tique nervoso, talvez para limpar o suor do rosto), tirar os óculos do rosto, manuseá-los, guardá-los no bolso se revela um incômodo, uma situação lamentável – mesmo sabendo que a passagem do racional para o irracional, e vice-versa, não depende de próteses ópticas ou de atos mecânicos. O que faz a diferença é uma determinada maneira de olhar. Quando muito, tirar e colocar os óculos é um instante de pausa, um momento para respirar mais fundo, um pretexto para a reflexão e o encaminhamento ao que será focado e enquadrado pelo globo ocular.

Na modernidade capitalista, o olhar que vê pouco ou que nada vê (porque imune ao entendimento) é o que se consagra como ideal – porque

⁸ Os objetos, na modernidade, perderam a sua característica de elementos do real. É através do capitalismo que as relações que instrumentalizam o consumo inventam uma nova dimensão para as imagens. É o fetiche da mercadoria que institui a negação do real.

indefeso aos mecanismos de sedução que o rodeiam. Para que isso se concretize, o olhar, seja míope ou astigmático, esteja com a retina danificada ou com o cristalino envolto por alguma película opaca (catarata), precisa de alguma forma de proteção. Proteção, neste caso, significa “enterrar” algumas imagens ou fatos (presentes ou passados), opor-se ao descortinar do horizonte visual.

Modernamente, essa proteção surge na forma de mercadoria.⁸ Ou seja, como um dos elementos fundacionais do capitalismo. No conto de Clarice Lispector, os óculos identificam essa função: instrumentos de castração visual. O olhar, restrito ao foco das lentes, não mais se preocupa em capturar o que se deslocou (ou que está à margem) do campo de visão. O olhar é transferido para o fetiche, alterando a rota do desejo e encaminhando-o para “o que deve ser visto”. A perda da noção de totalidade – e de necessidade – estabelece vínculos com a ética discursiva do consumo (uma forma de perversão da economia das relações afetivas).

Penúltimas palavras

Na cena final da narrativa, o Professor de Matemática, depois que encontrou “friamente um modo de destruir o falso enterro do cão desconhecido” (LISPECTOR, 1993, p. 155), desce a colina. Vai encontrar-se com a família.

Como um aluno que luta para apre(e)nder a lição, o Professor de Matemática “começou a descer as escarpas em direção ao seio da família” (LISPECTOR, 1993, p. 155), movido pela esperança de um novo tempo – instante em que a redenção intelectual poderá socorrer aqueles que, através do erro, se revelam humanos.

Por isso, é possível supor que, em tempo impreciso, o Professor de Matemática voltará à colina, para contemplar, mais uma vez, a imagem do cadáver do cão desconhecido – ninguém consegue fugir do vazio que se abisma no espelho de seus medos.

Últimas palavras

Tráfego de olhares. De um lado, o cão José – e a sua representação ficcional, o cão desconhecido; de outro, o Professor de Matemática. Velocidades desiguais, rotas em colisão, campo minado das interdições emocionais, encruzilhada: dar sentido ao que parece não possuir sentido.

Olhares desencontrados, focados em distâncias e enganos. Olhares insuficientes. A palavra “falta” se mostra completa – uma falta que se completa em sua falta, porque inscrita na (in)tenção discursiva imposta pelo tecido narrativo (e as suas simulações). Conjunto de falsificações, enganos e artifícios – que se completam no jogo sedutor que está impresso no olhar: impresso para o olhar, impresso como olhar, impresso como uma forma de vedar o entendimento.

O Professor de Matemática rompe o seu período de hibernação emocional quando (des)enterra o cão desconhecido – sem saber que esse ato significa um encontro mí(s)tico com a ressurreição (regresso ao entendimento dos fatos, “salto qualitativo” que exorciza a ordem castradora da norma social).

O Professor de Matemática só consegue adquirir discernimento da pobreza ética, moral e emocional em que a sua vida está reduzida quando descobre que a lucidez também é um método lógico (apesar de irrealizável – desejar não é suficiente para alcançar e garantir o gozo, porque o gozo sempre está restrito pelas barreiras da consciência).

Enquanto o cão José se expressa como uma tese (enterrar o passado) que migra para a antítese, o cão desconhecido é a antítese (desenterrar o passado) que elabora uma nova tese. Essa lógica não é garantia de felicidade. Muito pelo contrário. Novos problemas, novos impasses, novas interdições.

De qualquer forma, o olhar insuficiente permite uma forma canhestra de percepção aos impasses da representação. O sujeito (aquele que observa) e o seu percurso existencial (o que é observado) encontram-se na borda do conhecimento: é esse olhar que impedirá que o Professor de Matemática aceite a insanidade proposta pelos “instrumentos de correção visual”; é esse olhar (mesmo que incapaz de abrangência) que constituiu a promessa (mesmo que inconsciente) de que, em algum instante, irá se transformar no olhar integrador, que consegue captar toda a cena – sintonia entre o presente que recupera o passado e o passado que está oprimido pelo presente – e dela retirar a percepção da presença e da ausência de sentido histórico.

Olhar é a redenção e a condenação de quem ousa “olhar” além do olhar e redefinir o espaço em que estão inseridas as suas negações: “os olhos são feitos para não verem a falta. Mas o olhar está lá, presente na mancha, assinalando o crime originário, o preço a pagar por ser sujeito do desejo. Essa mancha nunca se apaga, pois o homem nunca se purifica do gozo.” (QUINET, 2002, p. 290)

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papyrus, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, V. I)
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- KOTHE, Flávio René. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. 24ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- NOVAES, Aduato. De olhos vendados. In: NOVAES, Aduato (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NUNES, Benedito. A paixão de Clarice Lispector. In: NOVAES, Aduato (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.
- QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: ver e ser visto em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ROSOLATO, Guy. *A força do desejo: o âmagio em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- ROUANET, Sergio Paulo. O olhar iluminista. In: NOVAES, Aduato (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.